

Perspectivas de um novo espaço representacional humano: crítica de fronteiras na interface da Literatura e da Antropologia

Maria Auxiliadora Fontana Baseio, UNISA, Brasil
Maria Zilda da Cunha, USP/Capes, Brasil

Resumo: A cultura humana envolve uma rede complexa de dinâmicas e de trocas simbólicas. Entre as perspectivas teóricas que propiciam perscrutar liames dessas dinâmicas, possibilitando vislumbrar horizontes de tendências de novos paradigmas que se engendram nas fronteiras móveis de formas de representação da vida humana, entendemos que os Estudos Comparados de Literatura, por sua natureza interdisciplinar, possibilitam canais de comunicação entre várias disciplinas e áreas do conhecimento. Como espaço de reflexão, a perspectiva contemporânea desses estudos vem encorajando a tomada de consciência da capacidade de a literatura ser uma forma de conhecimento da realidade e, por isso mesmo, encoraja a tomada de consciência do caráter pluralista que envolve o fenômeno literário, possibilitando relações interculturais, interdiscursivas e intersemióticas. O presente estudo com base nesses pressupostos, propõe, pelo diálogo possível entre a Literatura e a Antropologia, uma leitura da obra *Onde a onça bebe água*, tendo as representações presentes nas cosmologias amazônicas, como ponto de discussão e intercâmbio. Para tanto, serão utilizados estudos do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro e a produção literária que executa em parceria com Verônica Stigger.

Palavras-chave: estudos comparados de literatura; interdisciplinaridade; perspectivismo amazônico

Abstract: Human culture involves a complex network of symbolic exchanges. Among the theoretical perspectives that provide the comprehension of these dynamics is the Comparative Studies, due to its interdisciplinary nature. As a contemporary perspective, these studies are a form of knowledge that encourages pluralistic points of view involving literary phenomena, enabling intercultural, interdiscursive and intersemiotic relations. This paper proposes to present the dialogue between literature and anthropology, analyzing the book *Onde a onça bebe água*, in which is present Amazonian cosmologies. For this purpose, we used studies of Brazilian anthropologist Eduardo Viveiros de Castro and his literary production in partnership with Veronica Stigger.

Keywords: Comparative Studies; Interdisciplinarity; Amazonian perspectivism

Introdução

Há na literatura, na poesia, nas artes um conhecimento profundo. Podemos dizer que no romance há um conhecimento mais sutil de seres humanos do que encontramos nas ciências humanas, porque vemos os homens em suas subjetividades, suas paixões, seus meios etc. Por outro lado, devemos acreditar que toda grande obra de arte contém um pensamento profundo sobre a vida, mesmo quando não está expresso em sua linguagem. Quando você vê as figuras humanas pintadas por Rembrandt, há um pensamento sobre a alma humana. Portanto, eu acredito que devemos romper com a separação das artes, da literatura de um lado e o conhecimento científico do outro (MORIN, 2006).

Como participantes dos mesmos sistemas de pensamento que engendram a nossa era hiper-complexa, somos cada vez mais desafiados pelos novos enigmas que surgem de forma dinâmica e célere nos impondo mistérios para desvendar mundos.

Compartilhando incertezas, vamos tecendo uma trama de ideias e conceitos que sejam capazes de orientar caminhos de inteligibilidade desse fenômeno. Obviamente, em travessias incertas, correndo riscos de ilusão e erro, temos optado por aventuras, dividindo esperanças com Edgar Morin



(2006), para quem a consciência do caráter incerto do ato cognitivo constitui a oportunidade de chegar ao conhecimento pertinente.

Como confirma o referido autor, “o conhecimento não está limitado à ciência”; há nas artes um conhecimento profundo. Nessa ordem de ideias, haveria um fio de Ariadne nos labirintos dos novos tempos? Essa é uma questão que surge em face do horizonte de expectativas em que se entrelaçam fatores diversos.

Como uma lógica organizadora composta por conceitos soberanos que governam ocultamente concepções com as quais se lê o mundo e nele se atua é o que se entende por um paradigma. Até a pouco mais de um século, sob a égide do paradigma da modernidade, a razão era concebida como o ponto de partida e a certeza última que assegurava ao homem a capacidade de conhecer com muita precisão. A epistemologia cartesiana, na qual se funda tal pensamento, consolidou a ideia de unidade da Ciência como de uma racionalidade - total e objetiva - ligada à universalidade e promessa da verdade plena. Desse modo, formas de ruptura entre os saberes se configuram, estabelecendo distinção entre os campos da racionalidade: das ciências, da ética e da moral e o da estética ou expressões artísticas - a literatura.

No entanto, forças complexas surpreenderam o homem por meio das incertezas, que, efetivamente, compõem a trajetória humana. E esta vai ser revelada em sua complexidade pelos rumos do homínida. Conhecer o humano é situá-lo no universo com seu duplo enraizamento no cosmo físico e na esfera viva. Análogo a um holograma, o homem traz, em seu âmago, toda a vida, o cosmo, incluindo seus enigmas, seus mistérios. Portanto, a contribuição para o estudo da condição humana depende de um conjunto de pontos de vista derivados de diversas formas de investigação, de ciências, que, sem perder a especificidade, precisam ser religadas para conceber a humanidade em sua unidade na diversidade e a diversidade na unidade.

A contribuição da cultura científica e da produção estética está no engendrar de suas produções, provocando questionamentos no cotidiano, na história de nossa cultura, promovendo a capacidade de reflexões fundamentais sobre o homem, a terra, o cosmos, a vida.

É nesse sentido que entendemos uma das contribuições possíveis que vem emergindo com as novas perspectivas dos estudos da literatura comparada, área que atualmente, no Brasil, tem se mostrado como uma seara fértil de reflexões sobre questões não apenas literárias e interculturais, mas também interdisciplinares. Seu campo de atuação se ampliou imensamente, demandando diálogos teóricos e metodológicos com outros territórios do saber. Segundo Tânia Carvalho,

Acentua-se, então, na caracterização da disciplina, um traço de mobilidade, enquanto se preserva sua natureza mediadora, intermediária, característica de um procedimento crítico que se situa entre dois ou mais elementos, explorando seus nexos e relações. Fixa-se, enfim, seu caráter interdisciplinar (Cavalhal, 2003, p.36).

Ao rasurar fronteiras antes fixas de pensar o homem, suas relações e meios de expressão, a literatura comparada hoje desterritorializa-se, convidando para o debate outras formas de expressão cultural, sem abandonar o fenômeno literário, seu objeto de enfoque.

O objetivo de nosso estudo é apresentar o perspectivismo ameríndio, ou seja, as representações presentes nas cosmologias amazônicas a respeito do modo como humanos, animais e espíritos veem-se a si mesmos e aos outros seres do mundo, tangenciando as relações entre Literatura e Antropologia. Para isso, serão utilizados estudos do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro e a produção literária que executa em parceria com Verônica Stigger na obra *Onde a onça bebe água*.

1. Perspectivismo amazônico

Eduardo Batalha Viveiros de Castro, antropólogo brasileiro, traz, nestes novos tempos, importante contributo não só para a Antropologia como para a Etnologia americanista. Afirma Claude Lévi-Strauss, seu colega e mentor, que Viveiros de Castro é o fundador de uma nova escola na Antropologia. Ao estudar os Yawalapíti do alto do Xingu, o pesquisador observa que o sistema social desse grupo difere dos regimes do Brasil Central, uma vez que não apresenta o dualismo no esqueleto

institucional. Isso observa em um momento em que as oposições binárias eram tidas como a chave mestra para compreensão de todo sistema de pensamento e ação dos índios. A partir dessa consideração, Viveiros constrói um modelo explicativo que se diferencia da concepção evolucionista. Enquanto para nós a animalidade é a condição genérica da qual evoluímos para a humanidade, com a aquisição da cultura, para os ameríndios, todos são, na origem, humanos, ou seja, a humanidade é o fundo comum. Afirma o antropólogo que

A grande divisão mítica mostra menos a cultura se distinguindo da natureza que a natureza se afastando da cultura: os mitos contam como os animais perderam os atributos herdados ou mantidos pelos humanos. [...] Os humanos são aqueles que continuaram iguais a si mesmos: os animais são ex-humanos, e os não humanos ex-animais.[...] Assim, se nossa antropologia popular vê a humanidade como erguida sobre alicerces animais, normalmente ocultos pela cultura — tendo outrora sido ‘completamente’ animais, permanecemos, ‘no fundo’, animais —, o pensamento indígena conclui ao contrário que, tendo outrora sido humanos, os animais e outros seres do cosmos continuam a ser humanos, mesmo que de modo não-evidente. Em suma, para os ameríndios, ‘o referencial comum a todos os seres da natureza não é o homem enquanto espécie, mas a humanidade enquanto condição’ (Descola 1986:120). Essa distinção entre a espécie e a condição humanas deve ser sublinhada. Ela tem uma conexão evidente com a ideia das roupas animais a esconder uma ‘essência’ humano-espiritual comum, e com o problema do sentido geral do perspectivismo. (Castro, 2011, p. 355)

O perspectivismo pode ser compreendido como uma qualidade ou uma relatividade perspectiva, que traduz a concepção de ser o mundo povoado por diversas espécies de sujeitos - humanos e não humanos - que o apreendem de acordo com diversos pontos de vista.

Na cosmovisão ameríndia, segundo o autor, dissociam-se as séries paradigmáticas tradicionais, articuladas por oposição, tais como Natureza e Cultura, objetividade e subjetividade, animalidade e humanidade, entre outras.

Enquanto as cosmologias multiculturalistas modernas apoiam-se no pressuposto da unicidade da natureza e na multiplicidade das culturas, ou seja, garantem a universalidade objetiva e substancial dos corpos e a singularidade subjetiva dos espíritos, enfatizando que a condição genérica dos seres é a animalidade, a concepção ameríndia pressupõe a unidade do espírito e a diversidade de corpos, de maneira que a cultura e o sujeito sejam universais e a natureza seja específica, considerando a condição genérica dos seres como a humanidade.

Nesse contexto, observamos que as categorias Natureza e Cultura apresentam-se invertidas e assumem a forma de configurações relacionais, isto é, mostram-se como perspectivas móveis ou pontos de vista.

O renomado antropólogo chegou a essa elaboração conceitual a partir de experiências com as quais pôde perceber que o modo como os seres humanos veem os animais é diferente do modo como estes veem os humanos e a si mesmos. Os humanos veem os humanos como humanos e os animais como animais. Em contrapartida, os animais predadores e os espíritos veem os humanos como animais de presa e os animais de presa veem os humanos como espíritos ou como animais predadores. Ao nos ver como não humanos, os animais e os espíritos se veem como humanos. Afirma o autor: “os animais são gente, ou se veem como pessoas”. (Viveiros, 2011, p.351). Essa visão é, de fato, relacionada a perceptos e não apenas a conceitos ou categorias.

Há uma forma interna humana, um espírito, que se cobre por uma “roupa”, um envoltório, com o qual o ser se apresenta. Isso significa dizer que há “um esquema corporal humano oculto sob a máscara animal”. Nesse sentido, temos uma distinção entre a essência – espiritual – e a aparência – corporal. Essa aparência varia entre as espécies, equiparando-se a uma roupa intercambiável.

A troca de roupa caracteriza a metamorfose. Vale destacar que a discussão não gira em torno da aparência e da essência como categorias duais e contrapostas, mas incide sobre outras caracterizações. A roupa, como aparência, não esconde a essência espiritual e verdadeira, mas ela é a possibilidade de mobilizar poderes de um outro corpo, é instrumento para poder funcionar como outro.

Cumpra assinalar, também, que o perspectivismo não é aplicado a todos os animais, mas àqueles grandes predadores ou presas típicas dos humanos até porque a base das inversões perspectivas opera com a relação predador-presa.

Essa construção explicativa de Viveiros parte de um princípio universal que caracteriza o pensamento ameríndio: o estado de indiferenciação entre os humanos e os animais – presente na mitologia e que difere contrastivamente do pensamento evolucionista moderno.

Para o evolucionismo, o humano se diferencia a partir do animal, enquanto, para o pensamento ameríndio, a condição primeira é a humanidade e não a animalidade. Assim, os homens continuam iguais e os animais perdem os atributos humanos herdados. O referencial é a humanidade como condição social de pessoa e não o homem como espécie. Ressalte-se, a humanidade se define como uma “essência humano-espiritual comum”.

É importante pontuar que o modo de conhecer ameríndio diferecia-se da epistemologia objetivista, para a qual conhecer é sinônimo de objetivar, ou seja, dessubjetivar, de maneira a reificar o outro. Tomando por base os princípios do xamanismo, o ato de conhecer consistirá em personificar, assumir o ponto de vista do outro a ser conhecido, sendo esse outro visto como pessoa (personificado) e não como coisa (coisificado), afirmando, assim, ser necessário personificar para conhecer.

Na perspectiva cartesiana, há dicotomia entre sujeito e objeto. Enquanto o sujeito pensa, o outro passa ontologicamente a ser coisa, a ser objeto desse conhecimento. O conhecimento, nesses termos, implica um processo de dessubjetivação, de desanimização e desumanização desse objeto, desse Outro. Diferentemente, argumenta Viveiros, a epistemologia ameríndia compreende o próprio objeto do conhecimento como sujeito; nesse sentido, ela anima e humaniza.

Há que se assinalar a relação do perspectivismo com o animismo, entendido como a presença de alma em todos os seres. No dizer de Viveiros, “as categorias elementares da vida social organizam as relações entre os humanos e as espécies naturais” (Viveiros, 2011, p.362), o que define continuidade entre natureza e cultura, ou seja, humanos e animais compartilham o mesmo meio de sociabilidade, ou ainda, há a projeção de sociabilidade humana ao mundo não humano.

Ao discutir a problemática do etnocentrismo, o antropólogo defende que sujeito ou espírito é todo ser ao qual se atribui um ponto de vista. Diferentemente de nossa cosmologia de base saussuriana, para a qual o ponto de vista cria o objeto, ou seja, o sujeito é um lugar fixo de onde emana o ponto de vista, o perspectivismo pressupõe que o ponto de vista cria o sujeito.

Viveiros coloca em discussão a ideia de multiculturalismo relacionada ao relativismo – com a compreensão de ser possível considerar os vários pontos de vista, dado não haver uma verdade estável—, apresentando o conceito de multinaturalismo associado ao pensamento ameríndio a partir do qual afirma que os seres veem o mundo da mesma forma, mas se modifica o mundo que cada um vê.

Desse modo, as categorias e os valores usados pelos animais são os mesmos dos humanos, entretanto aquilo que é visto não o é. Daí entender que não se trata de relativismo cultural ou multiculturalismo, posto não se considerar uma diversidade de representações subjetivas que incidem sobre uma natureza externa una, mas de “uma unidade representativa ou fenomenológica puramente nominal, aplicada indiferentemente sobre uma diversidade real” (Viveiros, 2011, p. 379).

Uma perspectiva não é uma representação porque as representações são características do espírito e o ponto de vista, a perspectiva, concentra-se no corpo. Assim, os animais veem diferentemente de nós porque seus corpos diferem do nosso.

Corpo, aqui, não é entendido no seu aspecto físico e anatômico, mas se constitui como um feixe de afetos e afecções ou capacidades que o singularizam e de onde se originam as perspectivas. Ele é o instrumento de expressão do sujeito, o lócus da perspectiva diferenciante, e, ao mesmo tempo, o objeto que se mostra ao outro. Pelo corpo se reconhece a alteridade. Desse modo, o perspectivismo constitui-se como uma ontologia relacional, possibilitando a troca de perspectivas.

Busca-se apreender não como um ser vê o mundo, mas de que mundo esse ser é o ponto de vista. Ao retomar Deleuze, Viveiros acrescenta que “não há ponto de vista sobre as coisas – as coisas e os seres é que são o ponto de vista” (Viveiros, 2011, p. 385).

Para finalizar essa parte conceitual, a proposta antropológica de Viveiros está pautada na importância de se considerar o que as outras sociedades têm a dizer sobre as relações sociais, tratando as outras culturas não como objetos, mas como sujeitos interlocutores de um saber passível de compartilhamento.

Com efeito, o desenvolvimento do conceito de perspectivismo amazônico é uma significativa contribuição para as teorias da contemporaneidade. Os estudos de Eduardo Viveiros, seguramente, trazem questionamentos à epistemologia cartesiana que domestica nosso olhar desde muito tempo.

Parte dessa visão de mundo que funda o perspectivismo amazônico pode ser conhecida na obra *Onde a onça bebe água*, uma produção literária que Eduardo Viveiros executa em parceria com Verônica Stigger.

2. Onde a onça bebe água

O texto literário traz à imaginação do leitor a seguinte história:

Joaci era um menino que gostava de passear sozinho na floresta e tinha como maior diversão perder-se nela para depois encontrar o caminho de volta. Um dia, na beira de um rio, ouviu a voz de um sapo cururu dizendo-lhe para não beber água ali, porque era a onça que bebia. Alertou, também, que, se o fizesse, iria sonhar com a onça. Joaci bebeu a água e sonhou que sua aldeia estava vazia, chamou pelos familiares e ninguém respondeu, parecia ter sido abandonado. De repente, viu uma rede balançando e pensou que fosse o irmão, mas, ao se aproximar, observou que se tratava de uma onça. Chegou perto com muito medo e, logo, a onça acordou, olhou nos olhos dele e, à sua frente, abriu os braços. Apavorado, o menino tentou fugir, mas não conseguiu. A onça abriu um sorriso e alcançou Joaci, dizendo que o esperava. Levou-o até o terreiro atrás da oca, onde havia duas esteiras, duas cestas, duas cuias e uma vasilha de barro. O menino ali se sentou com a onça, frente a frente. A onça deu-lhe cauim, bebida de mandioca fermentada. Em seguida, o menino perguntou sobre os familiares, mas a onça nada respondeu. Ao beber o cauim, percebeu que era sangue; em seguida, a onça lhe ofereceu frutas, mas ele percebeu que era cocô; depois a onça lhe ofereceu milho e, ao pegá-lo no cesto, o menino se deparou com uma cobra venenosa. Joaci ficou com muita raiva da onça e, a partir de então, passou a se perguntar se a compreensão das coisas por parte da onça era semelhante à sua compreensão. Lembrou-se que o pajé havia lhe dito que os animais eram homens e só depois viraram animais, mas, no fundo, eles continuavam homens e, quando estavam em casa sozinhos, tiravam suas roupas de animais e agiam como homens. Joaci descobriu que a onça agia como gente. E, se ela se via como gente, talvez ela o visse como animal. Ao perguntar isso à onça, teve a confirmação de que ela o via como um porco do mato assado e quentinho. A onça preparou-se, então, para comê-lo, mas ele observou um zíper no pescoço dela, puxou até que a roupa se abrisse e ali identificou seu irmão Ubirajara. Com o susto, Joaci acordou e o sapo cururu estava em sua cabeça coaxando. O menino foi até o rio e, ao se abaixar para beber água, viu sua imagem de onça. Em cima de sua cabeça, estava um sapo.

A síntese da narrativa põe em evidência muitos traços do complexo conceitual do perspectivismo ameríndio. Podemos afirmar que a pergunta que move a história é: “O que o menino vê ao olhar uma onça no meio da mata e o que a onça vê ao se deparar com o menino?”

Logo no início da narrativa, há um personagem, Joaci, cuja diversão favorita é passear sozinho e se perder na floresta, e sua maior alegria é encontrar o caminho de volta.

Construído desse modo, o texto favorece uma identificação por parte do leitor, porque o insere ludicamente em uma aventura cheia de enigmas, para os quais deve encontrar caminhos-respostas. Para tanto, há que se perder em um universo desconhecido, até que, de alguma maneira, possa conhecê-lo e significá-lo. Dessa maneira, a experiência da leitura torna-se uma experiência imaginária e metafórica por meio da qual se faz possível conhecer o perspectivismo, posto estar a narrativa permeada ou mesmo tecida por ideias presentes nas cosmologias amazônicas, a respeito do modo como humanos, animais veem-se a si mesmos e aos outros seres do mundo.

O enredo cíclico oferece ao leitor a oportunidade de vivenciar uma experiência em condição de humano e não humano, exercitando diferentes posições enunciativas de sujeito. Para Eduardo Viveiros, “é sujeito quem tem alma e tem alma que tem um ponto de vista.” (Castro, 2011,p.372). Nesse

sentido, tanto Joaci, quanto a onça, revelam-se portadores de alma, cada qual assumindo seu ponto de vista. Percebe-se, nessa proposição, que “o mundo é povoado de outros sujeitos ou pessoas, além dos seres humanos, e que veem a realidade diferentemente dos seres humanos” (Castro, 2011, p.480). Observamos, na circularidade da narrativa, que o ponto de partida é o humano – Joaci - e o de chegada também – Joaci vestido de onça. Ao partir para a aventura, Joaci é humano, ao ver-se no espelho das águas como onça, sua condição é humana. “As onças são onças, mas têm um lado oculto que é humano” (Castro, 2011, p.484). Conforme Eduardo Viveiros, “a condição original comum aos humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade.” (Castro, 2011, p.355). Para o pensamento ameríndio, é possível haver a unidade de espírito em uma diversidade de corpos.

A escolha do protagonista também deve ser observada. Joaci/onça são corpo e essência. Como já se comentou, o perspectivismo engloba outros seres não humanos e não apenas animais, mas ressalte-se que raramente se aplica em extensão a todos os animais; ele parece incidir com mais recorrência sobre espécies como os grandes predadores e carniceiros: jaguar, sucuri, urubus ou harpia, e sobre as presas típicas dos humanos, pois uma das dimensões básicas, ou constitutivas das inversões perspectivistas refere-se aos estatutos relativos e relacionais de predador e presa. Importante pontuar, também, dentro dessa perspectiva, que não é possível fazer a separação, no pensamento ameríndio, das categorias de natureza e cultura porque são configurações relacionais, perspectivas móveis, são pontos de vista. “Se há uma noção virtualmente universal no pensamento ameríndio é aquela de um estado originário de indiferenciação entre os humanos e animais” (Castro, 2011, p.354).

Na cena de maior tensão da narrativa, lê-se:

A onça então se sentou na outra esteira, em frente a Joaci. Ela mergulhou as duas cuias na vasilha e as encheu. Entregou uma delas a Joaci.

– Tome, você vai gostar. É cauim, bebida de mandioca fermentada.

Joaci aceitou a cuia e perguntou à onça:

– Onde está meu irmão? Onde estão meus pais?

A onça bateu palmas e sorriu:

– Oh! Ele fala! Que lindo!

E a onça acrescentou com voz doce, apontando para a cuia que Joaci tinha nas mãos:

– Beba, vai, beba um pouquinho. Você vai gostar.

Joaci tomou um gole e cuspiu tudo fora.

– Mas isso aqui é sangue! Não é cauim – disse ele.

– Claro que é cauim! Por que eu iria lhe oferecer sangue? – retrucou a onça.

Joaci cuspiu mais um pouco da bebida e limpou a boca com as costas da mão.

(Castro; Stigger, 2012, p. 20)

Com essas imagens, é possível compreender mais um traço do perspectivismo ameríndio, o de que todos os seres veem o mundo da mesma maneira – o que muda é o mundo que eles veem, ou seja, os animais utilizam as mesmas categorias que os humanos, mas as coisas que eles veem são outras. Nessa ordem de ideias, os não-humanos veem as coisas como a gente vê, mas as coisas são diferentes. O que para o humano é sangue, para a onça é cauim. Nessa parte da narrativa, concentra-se a ideia problematizadora do perspectivismo em forma de discurso literário: “Como será que a onça o enxergava? Como Joaci ou como alguma outra coisa? E será que, para a onça, onça era onça ou outra coisa?” (Castro; Stigger, 2012, p. 27). Essas perguntas colocam para o leitor uma questão investigativa da Antropologia, que é cara para Viveiros: como eu vejo o outro? Como o outro me vê?

Outro aspecto da narrativa que cabe analisar é sua organização. A conformação dos elementos no construto da história é análoga à estrutura da narrativa mítica: o tempo cíclico, o espaço enigmático da aventura (a floresta), a heroicidade do protagonista (Joaci/onça), a metamorfose. Vale observar, no entanto, a hibridização de gêneros própria da literatura contemporânea, em que as formas do mito e do conto confluem, com um vetor estilístico que faz oscilar, de forma singular, o aspecto insólito entre o maravilhoso e o fantástico, deixando ao leitor caminhos de descoberta e conhecimento que variam entre o fazer crer e o duvidar, entre o que se apresenta como sonho e a vigília.

O conflito da narrativa situa-se na tensão caça e caçador, esse parece ser o medo e a ameaça ao menino. Já o desfecho surpreende com a metamorfose. A metamorfose no pensamento ameríndio é o temor de não poder mais diferenciar o humano do animal.

Em que pese a complexidade dessas ideias, aqui não contempladas em sua magnitude, vale sinalizar que são elas que traçam o caminho da ficção literária em *A onça bebe água*.

A onça bebe água é uma produção artística que foi pensada para propiciar às crianças um diálogo com o pensamento antropológico, sobretudo com a cultura ameríndia. Essa é a proposta do Projeto *Ler Ciência*, desenvolvido por um grupo de pesquisa de filosofia para crianças em São Carlos, São Paulo.

No que diz respeito a experiências educativas, projetos como este abrem canais para o conhecimento de outros territórios do saber, de outras formas de pensar, sentir e agir no mundo. Cabe avaliar que não se trata de utilizar a literatura, cuja natureza é artística, a serviço de outras esferas do saber, mas apresentar possibilidades de diálogo entre campos de percepção e de pensamento diversos, de maneira a enriquecer a visão de mundo pela articulação sensível entre Arte e Ciência, entre Literatura e Antropologia, assegurando a gerações vindouras o direito de compreender a realidade e nela intervir de forma mais ética e consciente.

É nessa linha de pensamento que vimos compartilhando, na esfera das proposições atuais, a preocupação com o rumo da educação para crianças e jovens - contexto, no qual a Literatura volta a ocupar a atenção, em face de sua importância formadora, no dizer de Antonio Candido (Candido, 2000): ela não corrompe nem edifica, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. O signo estético confirma no homem traços essenciais como o refinamento dos sentimentos, o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a atenção para com o outro, a percepção da complexidade do mundo e dos seres. A literatura, como linguagem do imaginário, tece caminhos para o encontro dos homens e das culturas à medida que leva o leitor a acessar e a reter a experiência do outro.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi apresentar o perspectivismo ameríndio na produção literária Onde a onça bebe água, realizada por Eduardo Viveiros e Verônica Stigger, considerando a importância de se criar diálogos entre as áreas do saber, no caso a Literatura e a Antropologia.

Os estudos de literatura comparada, efetivamente, têm se mostrado como território reflexivo e dinamizador para pensar problemáticas interdisciplinares nos novos tempos. Ao articular o debate entre seu campo de conhecimento e outros saberes, abre canais para a compreensão de novas formas de expressão cultural.

A proposta antropológica de Viveiros, fundamentada na importância de se considerar a cosmovisão de outras sociedades, ensina-nos a enxergar as culturas como sujeitos interlocutores de um saber possível de ser compartilhado.

A concepção da obra *A onça bebe água*, ao reconstruir criativamente o complexo conceitual do perspectivismo, dá a conhecer novas formas de ver o mundo e as relações entre os seres, trazendo à baila visões diferentes sobre a humanidade do homem e dos animais. Pautando-se no princípio do diálogo de culturas, de linguagens e de áreas do saber, mostra-se um artefato interdisciplinar por natureza.

Essa obra, ao apontar possibilidades de diálogo entre campos de percepção diversos, incentiva a interlocução sensível entre Ciência e Arte literária. O signo estético aqui revela sua vocação para o exercício do pensar afetivo, encaminhando para a compreensão da complexidade dos seres do mundo e de suas relações. Nesse sentido, a arte da palavra serve de vetor capaz de orientar caminhos para o encontro dos homens e das culturas.

A condição humana é sempre motivo de perguntas e explicações. Compreender o homem e suas complexas relações, desde sempre, tem sido preocupação de muitas áreas do saber, sobretudo das Ciências Humanas. Cada qual, a seu critério teórico e metodológico, abre as páginas da história humana e, de uma maneira singular, favorece leituras e releituras como exercícios permanentes de ressignificações. Nessas densas redes explicativas que se tecem neste novo milênio, coloca-se como ponto de questionamento a hegemonia de um saber que consolidou um paradigma: o cartesiano.

Sabemos que o conhecimento, neste novo século, não se sustenta mais se limitado exclusivamente à ciência. Temos consciência de que nossos modelos de referência estão insuficientes. Urge a experimentação de novas ontologias, de novas epistemologias, de novas metodologias para a compreensão do real. Essas novas formas, interdisciplinares por natureza e que demandam múltiplos olhares, hão de fazer brotar respostas para a multidimensionalidade dos fenômenos que nos rodeiam. Surge um fio de Ariadne nos labirintos dos novos tempos.

REFERÊNCIAS

- Cândido, A. (2006). *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul.
- Carvalho, T. M. F. (2003). *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: Editora da UNISINOS.
- Castro, E. V. De. (2011). *A Inconstância da Alma Selvagem: e outros ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Castro, E. V. De, Stigger, V. Il. Vilela, F. (2012). *Onde a onça bebe água*. São Paulo: Sesc.
- Morin, E. (2006). *Os Sete Saberes Necessários Para a Educação*. São Paulo: Cortez.
- (2006). Vídeo ATTA Mídia e Educação. Paulus. DVD. Coleção Grandes Educadores.

SOBRE AS AUTORAS

Maria Zilda da Cunha: Graduada em: Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio, em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista e em Psicologia pela PUC-SP. Fez pós-graduação em Psicopedagogia pelo Instituto Sedes Sapiense, com especialização em Psicomotricidade pelo Instituto GAE; fez mestrado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e doutorado em Letras pela USP. Atualmente, é professora nas áreas de Literatura Infantil e Juvenil e Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras na Universidade de São Paulo, autora do livro *Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a Literatura Infantil e Juvenil*.

Maria Auxiliadora Fontana Baseio: Bacharel em Letras (Faculdade Ibero-Americana) e em Ciências Sociais (USP); doutora em Literatura Comparada (USP); professora na Universidade de Santo Amaro - São Paulo; pesquisadora do grupo Produções Literárias e Culturais para crianças e jovens, filiado à Universidade de São Paulo, e do grupo Arte, Cultura e Imaginário, filiado à UNISA.